



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

NOTAS SOBRE A OCORRÊNCIA DE CERÂMICA ARQUEOLÓGICA NO SÍTIO FAZENDA COLORADO IV, REGIÃO DE TABOCO, ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL – BRASIL

Rodrigo Simas Aguiar¹; Diego Souto Maior Colino²; Beatriz dos Santos Landa³

1. Docente da Faculdade de Ciências Humanas para a área de Antropologia e coordenador do Laboratório de Arqueologia na Universidade Federal da Grande Dourados. 2. Aluno do Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal da Grande Dourados. 3. Docente da área de Antropologia na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

RESUMO

Este artigo apresenta os resultados da análise da cerâmica proveniente do abrigo Fazenda Colorado IV, localizado na região do Taboco, precisamente na divisa entre Aquidauana e Corguinho, Estado de Mato Grosso do Sul. Os fragmentos cerâmicos foram descobertos em um orifício profundo na parede do abrigo, reforçando a hipótese de se tratar de um sítio ritual. Além da cerâmica, o abrigo também apresenta pinturas rupestres. O artigo pretende contribuir com futuras pesquisas que tratem da ocorrência de cerâmica em abrigos com arte rupestre, situação registrada em outros sítios arqueológicos do Estado.

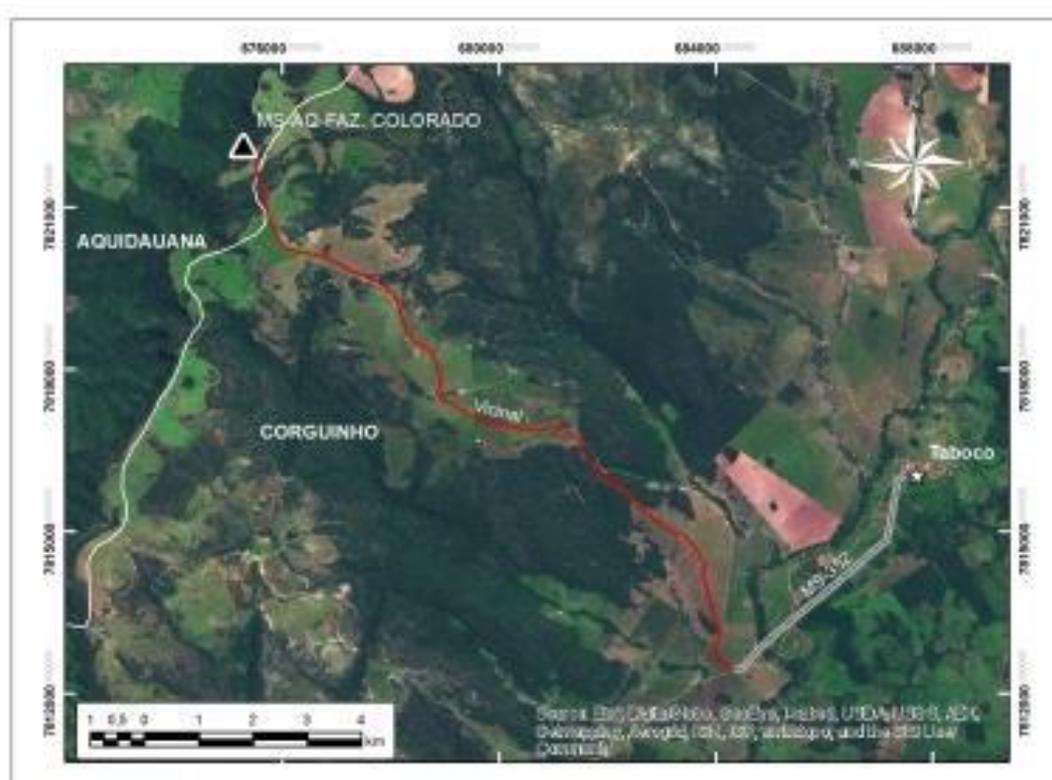
Palavras-chave: arqueologia pré-histórica; cerâmica; abrigos; arte rupestre.

INTRODUÇÃO

O sítio Fazenda Colorado IV está situado na região de Taboco, em área limítrofe dos municípios de Aquidauana e Corguinho. Apesar de espacialmente estar localizado dentro do território do município de Aquidauana, o acesso ao sítio se dá pelo distrito de Taboco, pertencente ao município de Corguinho. Trata-se de um abrigo sob-rocha com ocorrência de pinturas rupestres monocromáticas, em cor branca, com representações

zoomorfas associadas a elementos geométricos. As figuras são análogas àquelas encontradas no sítio Fazenda Colorado I, distante menos de dois quilômetros.

O abrigo que compõe o sítio Fazenda Colorado IV está situado na borda da serra que separa as terras altas da planície do Pantanal de Aquidauana. Da área de entorno do sítio se tem uma visão privilegiada do Pantanal. A descida até a planície é abrupta, longa e difícil. Contudo, há evidências de que a área constitui rotas de trânsito de animais que podem ter sido importantes na alimentação de populações pré-históricas. No dia do cadastramento do sítio de arte rupestre, a equipe testemunhou a passagem de um bando de queixadas pela área de entorno do sítio. Contudo, o trânsito de animais pelas imediações do sítio não é de se estranhar, tendo em vista que se trata de um bolsão de mata em área de preservação formada nas extremidades de campos de pecuária.



Localização do sítio Fazenda Colorado IV. Mapa elaborado por Ângelo Ribeiro Nascimento, Laboratório de Geoprocessamento da Universidade Federal da Grande Dourados.

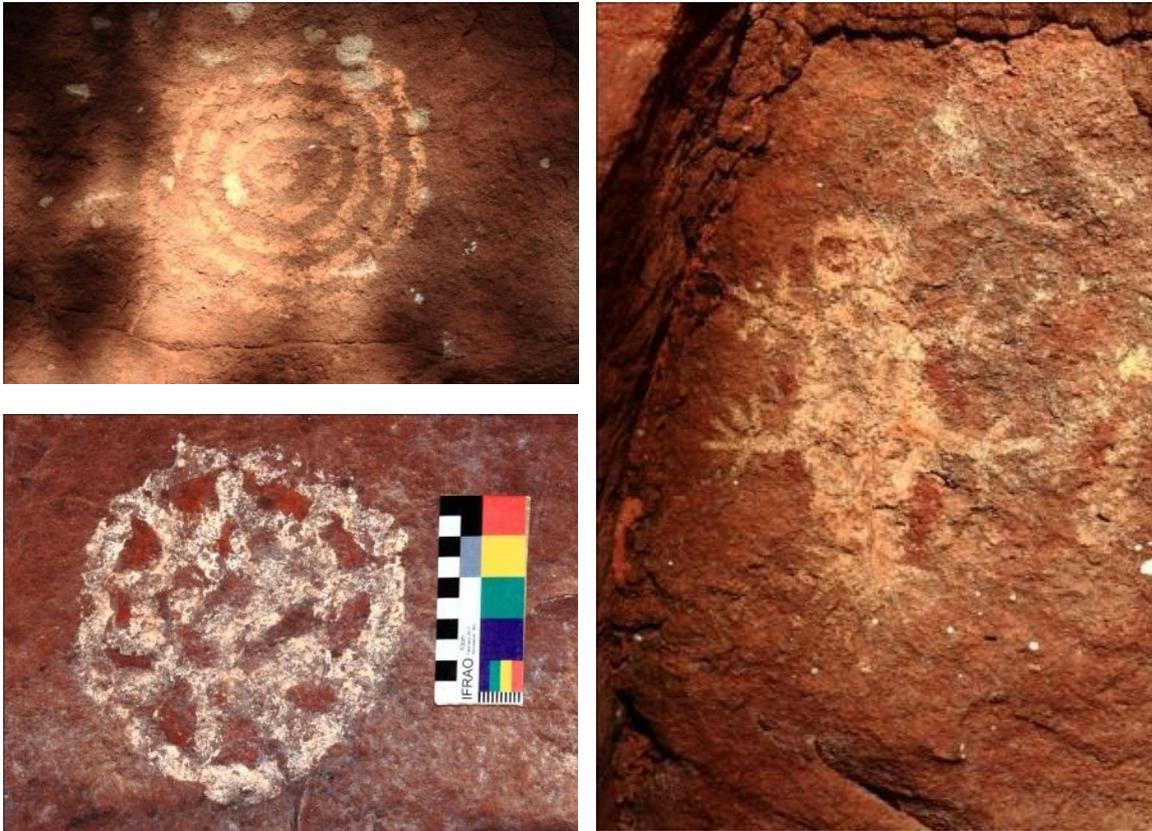
Os fragmentos de cerâmica foram coletados por moradores da região que procederam com a doação ao Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal da Grande Dourados. Durante os trabalhos de registro do sítio de arte rupestre, a equipe percebeu a ocorrência em superfície de dois pequenos fragmentos cerâmicos similares àqueles ora analisados. Contudo, como não detinha autorização para coletas, estes fragmentos não foram removidos do local. A primeira vista, notou-se que a cerâmica possui características similares àquelas associadas à tradição Una.

Entende-se que o abrigo foi usado por pelo menos dois grupos diferentes, separados temporalmente: uma primeira ocupação de caçadores e coletores, autores dos grafismos; e uma segunda ocupação por ceramistas da tradição Una, esta provavelmente para fins rituais e bem mais efêmera, como explicaremos ao longo do artigo.

Os principais motivos dos grafismos rupestres do abrigo Fazenda Colorado IV são: um conjunto de círculos concêntricos, uma figura zoomorfa (possivelmente sauro), uma figura circular em forma de teia, uma linha ondulada e outras figuras em estágio de vestígio, impossíveis de identificar o motivo. Os líquens constituem o principal agente de perturbação que coloca em risco o conjunto rupestre.



Vista do abrigo Fazenda Colorado IV.



Grafismos rupestres do sítio Fazenda Colorado VI

Expostas as características do sítio, se apresentará uma breve contextualização arqueológica e, na sequência, os resultados das análises do material cerâmico.

O INÍCIO DA OCUPAÇÃO HUMANA EM MATO GROSSO DO SUL

Em recentes pesquisas, os arqueólogos Gilson Rodolfo Martins e Emília Kashimoto (2012) estabeleceram a data de 12 mil anos como o mais antigo registro da presença humana em Mato Grosso do Sul. As ocupações mais antigas do estado foram classificadas por Schmitz como Tradição Itaparica, onde predominam os artefatos

plano-convexos (vide Schmitz et al., 1984; Schmitz et al., 1986; Schmitz et al., 1989; Schmitz et. al., 2004).

Schmitz (1986) retrata que, com a expansão do bioma cerrado e a consequente ampliação da oferta alimentar, aumentam também os sítios de ocupação tanto de caçadores coletores como de horticultores. Novas características tecnológicas e alterações na alimentação e na ritualística funerária, ocorridas por volta de 8 mil anos, foram percebidas por Schmitz (1999; 2005), o que o levou a propor a Tradição Serranópolis para classificar os assentamentos deste período.

No Estado de Mato Grosso do Sul existem três grandes áreas culturais para as ocupações pré-históricas, como nos lembra Schmitz (2005): a dos campos de cerrado; a das áreas florestadas das margens do rio Paraná e da Serra de Maracajú; e a dos aterros da planície pantaneira. No caso deste artigo, o interesse está nos povos que ocuparam os vastos campos do cerrado. Contudo, a proximidade do sítio Fazenda Colorado IV das áreas planas do Pantanal de Aquidauana pode constituir um fator importante para compreender a influência da paisagem nas escolhas culturais dos povos que ocuparam o abrigo, como se relata mais adiante.

Com efeito, o que se tem no abrigo Fazenda Colorado IV é um sítio das terras altas com características de cerrado que está às margens do Pantanal e distante menos de 400 km de Serranópolis. Tais características levam a se pensar as cadeias de influências que as populações lá assentadas podem ter recebido desses outros horizontes, tema que demanda um aprofundamento, mas que não constitui o objetivo do presente artigo.

A CERÂMICA UNA E O ABRIGO FAZENDA COLORADO IV

A cerâmica Una é a mais antiga tradição oleira do Brasil Central. Registros arqueológicos apontam para assentamentos desta tradição que datam de quase 4 mil anos. Via de regra, são recipientes de pequena dimensão, raramente ultrapassando os 22 cm de diâmetro (Prous, 1992). Os vasos possuem formato globular ou piriforme, com emprego de antiplástico mineral, como mica, quartzo, grafite ou feldspato (Barbosa et al, 1982). Predominantemente escura, apresenta em alguns casos banho avermelhado,

sendo raras as decorações que quando ocorrem se limitam a incisões ou impressões de pontos (Veroneze, 1992). Os ceramistas da Tradição Una por vezes se estabeleceram em ambientes de relevo acidentado (Wüst, 1990), o que vem de encontro à situação do abrigo Fazenda Colorado IV.

Vários autores concordam que ceramistas da Tradição Una desenvolviam um modo de vida horticultor (Luna, 2003; Veroneze, 1992; Wüst, 1990), sendo o milho um dos cultivos identificados. Evidentemente, ao analisar o ambiente em que o sítio arqueológico Fazenda Colorado IV se insere, entende-se que as incursões de caça e de coleta seriam fundamentais para a subsistência, o que deveria ser feito de modo a combinar os potenciais sazonais do cerrado com aqueles da planície pantaneira. Dessa forma, a oferta alimentar era abundante e diversificada.

O abrigo Fazenda Colorado IV, em si, não deve estar relacionado a ocupações perenes, tanto em razão de sua diminuta dimensão, como pelo relevo acidentado. Os acampamentos estáveis, onde em seus arredores seriam praticados os cultivos, devem estar situados em áreas mais planas. O abrigo aqui analisado deve ter servido de espaço ritual, justificando a baixa incidência de remanescentes arqueológicos. Em cavernas da região do Alto São Francisco foram encontrados remanescentes arqueológicos pertencentes à tradição Una, espaços estes interpretados como palcos de rituais ou de sepultamentos (Henriques Jr, 2009), o que atesta a viabilidade da hipótese análoga traçada para o abrigo Fazenda Colorado IV.

A ANÁLISE DO MATERIAL CERÂMICO DO SÍTIO FAZENDA COLORADO

IV

Neste ponto convém reiterar que o presente artigo foi pensado de forma a subsidiar futuros estudos, refletindo acerca da presença deste tipo de cerâmica em abrigos de Mato Grosso do Sul e sua possível relação com o universo ritualístico. Com efeito, são apenas 8 fragmentos analisados em laboratório, somando-se a mais dois que ocorreram em superfície e não foram coletados. Segundo os doadores da cerâmica, os fragmentos estavam amontoados dentro de um buraco na parede do abrigo. Durante a

visita ao abrigo percebeu-se o orifício descrito pelos informantes, mas no interior não havia mais material cerâmico.

Diante do relato dos doadores foram traçadas duas linhas de raciocínio: a) a relação dos ceramistas com o sítio era efêmera, pois os fragmentos juntos não perfazem mais que dois recipientes e porque se tende a pensar a arte rupestre como sendo de autoria de povos anteriores, caçadores e coletores; b) dessa forma, entende-se o sítio como espaço ritual, de uso esporádico, sendo o depósito da cerâmica em um orifício profundo na parede do abrigo uma forte evidência disso.

A superfície dos vasilhames recebeu tratamento por alisamento. Para tanto, especula-se que os autores fizeram uso de pedras molhadas ou de técnica similar. Dos oito fragmentos, seis apresentaram decoração plástica dos tipos pontilhada, ungulada e por incisões retas e oblíquas. A queima oxidante resultou em uma superfície cerâmica de tom avermelhado. Contudo, é possível que a superfície também tenha recebido engobo vermelho. As espessuras variaram entre 5 e 10 milímetros e em todos os casos o antiplástico usado foi o mineral. A partir dos fragmentos maiores foi possível perceber que os vasilhames, quando inteiros, não possuíam mais que 15 cm a 20 cm de altura por 20 a 25 cm de diâmetro.



Borda com parte do Bojo. Decoração: ponteadada.
Queima: Oxidante. Cor: Vermelho. Espessura: 10 mm.

Borda com parte do Bojo. Decoração: ponteadada.
Queima: Oxidante. Cor: Vermelho. Espessura: 7 mm.



Bojo. Queima: oxidante. Cor: vermelha. Decoração: incisa com linhas retas e oblíquas. Espessura: 5mm.



Borda extrovertida. Queima: oxidante. Cor: vermelha. Decoração: ponteadas. Espessura: 5 mm.



Borda. Queima: oxidante. Sem decoração. Espessura: 9 mm.



Bojo. Queima: oxidante. Cor: vermelho. Decoração: ponteadas e incisa. Espessura: 11 mm.

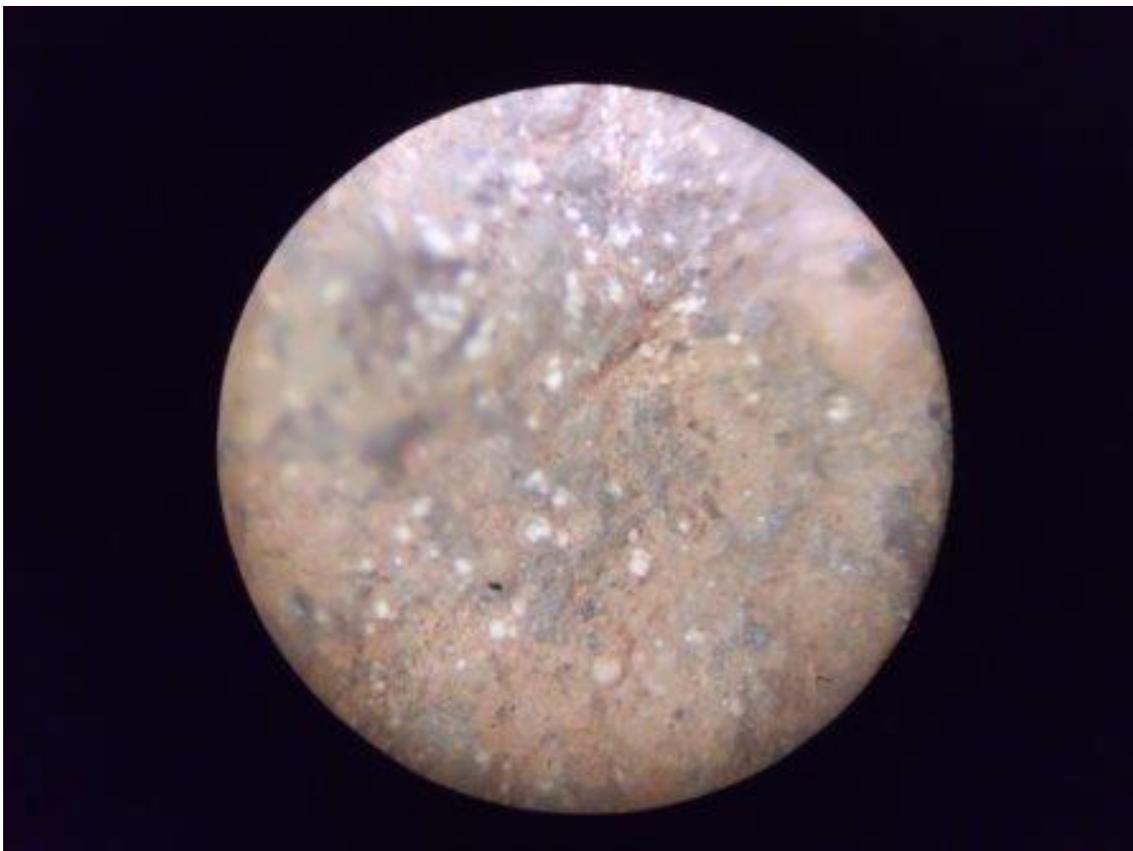


Bojo. Queima: oxidante. Cor: vermelho. Decoração: unglada. Espessura: 10 mm.



Queima: oxidante. Cor: vermelho. Sem decoração. Espessura: 9 mm.

Os fragmentos foram analisados em estereoscópio binocular com aumento de 20 vezes. Esta análise permitiu confirmar que o antiplástico era exclusivamente mineral. Além de grãos de quartzo e sílica, percebeu-se também a presença de grafite.



Mostra de cerâmica analisada em Esteroscópio binocular com aumento de 20 vezes, onde se constata o uso de antiplástico mineral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda que não tenha sido objeto de escavação arqueológica, diante dos dados de campo e das referências bibliográficas que tratam de casos análogos, sugere-se que o abrigo Fazenda Colorado IV teve dois momentos de ocupação: uma primeira de caçadores e coletores, autores dos grafismos rupestres; e uma segunda de ceramistas da tradição Una. Em razão da pequena dimensão do abrigo, uma ocupação perene não seria possível. O espaço foi usado sazonalmente, principalmente para fim ritualístico ou de entreposto nos deslocamentos entre a planície pantaneira e as terras altas.

Os fragmentos cerâmicos analisados foram descobertos no interior de um profundo orifício situado na parede do abrigo, reforçando a hipótese de uso ritual pelos povos ceramistas. A baixa incidência de material cerâmico aponta para uma ocupação muito efêmera. Contudo, diante da análise da paisagem e da localização estratégica do sítio, às margens da cadeia montanhosa que abruptamente morre na planície pantaneira, entende-se a importância do mesmo como entreposto nos deslocamentos e incursões de caça e coleta.

Como a maioria dos fragmentos apresentava decorações, entende-se que não se trata de uma cerâmica de uso ordinário, mas sim destinada a ocasiões especiais. Tendo em vista que na tradição Una o emprego de decorações é raro, encontra-se aqui novo subsídio para a hipótese de uso do abrigo para fins ritualísticos.

A análise laboratorial demonstrou que os recipientes eram de pequena dimensão, entre 15 e 20 cm de altura por 20 a 25 cm de diâmetro. Em todos os casos o antiplástico empregado foi o mineral. A espessura dos fragmentos varia entre 5 e 11 mm. As decorações da superfície, sempre na face externa e na borda, consistem de pontuada, ungulada e incisa com linhas retas e oblíquas. A cerâmica teve o tratamento da superfície por meio de alisamento e possivelmente recebeu banho avermelhado.

Os dados aqui apresentados, ainda que muito embrionários, poderão subsidiar novas pesquisas que tratem da ocorrência de cerâmica da tradição Una em abrigos do estado de Mato Grosso do Sul. Há vários abrigos no estado onde se detectou a presença deste tipo de cerâmica, sendo necessária a publicação de mais artigos do gênero para dar subsídios à formação de um quadro geral desta ocupação ceramista em terras sul-matogrossenses.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem às professoras Duca Andrade do Instituto Quinta do Sol e Alexine Keuroghlian do Projeto Queixada WCS. A ajuda das professoras foi fundamental para os trabalhos realizados.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, A.S. et al. (1982). “Projeto Médio-Tocantins: Monte do Carmo, Fase Cerâmica Pindorama”. Pesquisas, Série Antropologia. São Leopoldo, n. 34, p. 48-92.

HENRIQUES JR, Gilmar Pinheiro (2009), Arqueologia Regional da Província Cárstica do Alto São Francisco: Um estudo das Tradições Cerâmicas Una e Sapucaí. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Arqueologia. São Paulo: MAE/USP.

LUNA, Suely (2003), Sobre as Origens da Agricultura e da Cerâmica Pré-Histórica do Brasil. Clio Série Arqueológica Nº 16 p 66-77.

PROUS, A. (1992). Arqueologia Brasileira. Brasília: UnB.

SCHMITZ, P. I. (2005). *Arqueologia do Estado do Mato Grosso do Sul*. Palestra de abertura do XIII Congresso da SAB de 2005. São Leopoldo: IAP/Unisinus.
[Disponível em: <http://www.anchietano.com.br>]

SCHMITZ, P. I, (1999). “Caçadores-coletores do Brasil Central”. In. TEMÓRIO, M. C. Pré-história da Terra Brasilis. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, pp. 75-88.

SCHMITZ, P. I. (1980). “A evolução da cultura no Sudoeste de Goiás”. Pesquisas, Série Antropologia, São Leopoldo, n. 31.

SCHMITZ, P. I. et al. (2004). “Arqueologia nos cerrados do Brasil Central: Serranópolis III”. Pesquisas, Série Antropologia, São Leopoldo, n. 60.

SCHMITZ, P. I. et al. (1987). “Arqueologia nos cerrados do Brasil Central: Serranópolis I”. Pesquisas, Série Antropologia, São Leopoldo, n. 44.

SCHMITZ, P. I. et al. (1986). Caiapônia: arqueologia nos cerrados do Brasil Central. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas.

SCHMITZ, P. I.; BARBOSA, A. S. (1985). Horticultores pré-históricos do Estado de Goiás. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas.

SCHMITZ, P. I. et al. (1984). Arte Rupestre no Brasil Central: pinturas e gravuras da pré-história de Goiás e oeste da Bahia. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas.

VERONEZE, E. 1992. A ocupação do Planalto Central Brasileiro: o nordeste do Mato Grosso do Sul. Dissertação de Mestrado. São Leopoldo: Unisinos.

WÜST, I. (1990). Continuidade e mudança: para uma interpretação dos grupos ceramistas pré-coloniais da bacia do rio Vermelho, Mato Grosso. Tese de Doutorado em Antropologia Social. São Paulo: USP.